



NUNO ANTUNES
Advogado,
sócio da Miranda

Geopolítica, energia e hidrogénio: a “matrioska russa”

D

esvanecida da noção clássica, a geopolítica é cotejada hoje com “política internacional”, cujo âmago integra o exercício de poder e influência em diferentes geografias, sob distintas facetas: política, militar, económica, ambiental e, claro está, energética.

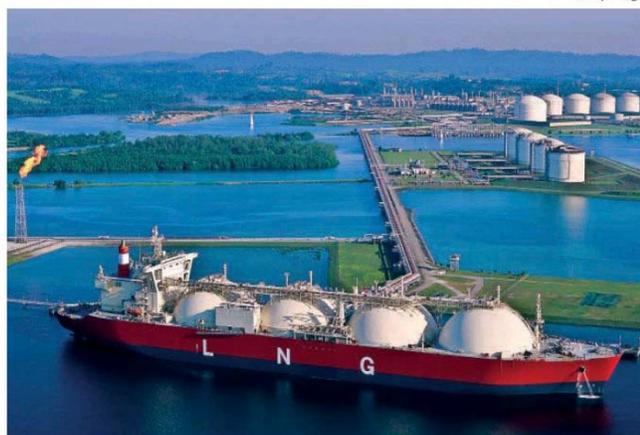
As ondas de choque do terramoto geopolítico dimanado do conflito na Ucrânia irão repercutir-se na economia global. Em termos setoriais, o efeito mais imediato deste tsunami tem ocorrido no setor energético, em particular na UE.

A energia, diga-se, é uma peça da “matrioska russa” – calembur à parte – em que consiste a geopolítica. Com acribia, falou-se durante décadas de “geopolítica do petróleo”; e de (des)equilíbrios relacionados com o acesso (ou não) a recursos petrolíferos. Não obstante, há um novo arquétipo energético que tem emergido, agora a consolidar-se vertiginosamente. A eclosão de uma “geopolítica da energia” abrigou a “geopolítica do petróleo”.

Importante é que a UE, finalmente, parafraseando o budismo, parece ter “acordado para a vida”. E percebido que o “fukuyamico fim da história” não possuía alicerce geoestratégico. Mas as sequelas da falta de preparação da UE em vários dos vetores geoestratégicos sentir-se-ão a longo prazo.

Olhemos para a “matrioskinha” da energia.

A consequência precípua será, quase seguramente, a implementação acelerada do Pacto Ecológico Europeu (ou de variantes suas). Ao objetivo climático junta-se agora a segurança do abastecimento energético. Se um imperativo climático, sem visibilidade palpável, levava a hesitações decorrentes de custos económico-sociais, o ditame da segurança energética é inexorável para a sobrevivência da UE. A comunicação



Getty Images

REPowerEU, publicada menos de um mês após o início do conflito (uma celeridade notável no padrão europeu), bem como as decisões a ela associadas, incorporaram essa nova abordagem à geopolítica energética europeia. O acordo EUA/UE sobre GNLe as “compras conjuntas” de gás são a face mais visível dessa premência energética.

No essencial, estão em causa: primeiro, diversificação no aprovisionamento de gás – avaliando não só o aspeto

Definir as bases da posição internacional de Portugal em matéria de hidrogénio verde é essencial. É uma peça crítica da equação energética.

geoestratégico de fornecedores alternativos, mas também a intensidade carbónica global de novas cadeias de valor –; secundo, substituição do gás na geração de eletricidade e no aquecimento – ponderando a eletrificação, os mercados da eletricidade e a reforma do mercado de carbono –; e tertio, aceleração da

implantação de gases renováveis – em que sobressai o hidrogénio.

Foquemo-nos, dentro da energia, na (mais pequena) “matrioskinha” do hidrogénio.

O impacto do hidrogénio excede a mera perspetiva do seu valor de mercado. Como vetor energético limpo, flexível e versátil, tem impacto potencial na inovação e desempenho de indústrias (refinação, petroquímica, aço, fertilizantes) e setores (elétrico, mobilidade, transporte, aquecimento), através de funções diferenciadas em descarbonização, integração de energia renovável, gestão da rede elétrica, células de combustível, ou combustíveis sintéticos. A sua importância é bem visível no REPowerEU, que consagra um incremento (15x10⁶ t) na produção e importação de hidrogénio renovável até 2030, a crescer ao Fitor-55 (5,6x10⁶ t).

Não é exagero falar de geopolítica do hidrogénio. Atente-se na Alemanha: no seu programa “H2-Diplo” (Diplomacia Global do Hidrogénio), que visa levar países exportadores de recursos fósseis a exportar hidrogénio verde; na parceria com a Namíbia para o hidrogénio verde; na criação de uma task-force conjunta com Angola para projetos de hidrogénio; na aprovação pela Comissão Europeia de um programa de ajuda de estado alemão de 900 milhões de euros para investimentos na produção de hidrogénio renovável em países não comunitários (e.g. África); no plano de construção de um gasoduto para importação de hidrogénio azul da Noruega; na celebração de acordos nos EAU, por empresas alemãs, para desenvolver cadeias de valor de hidrogénio.

Definir as bases da posição internacional de Portugal em matéria de hidrogénio verde é essencial. É uma peça crítica da equação energética. A baixa intensidade carbónica da economia depende disso. Qual “matrioska russa”, os seus parâmetros geopolíticos não podem ser olvidados. ■